

## ULTRAPASSANDO OS FOLHETINS NACIONAIS: O INTERCAMBIO INTELECTUAL DE JULIA LOPES DE ALMEIDA

Iara Christina Silva Barroca<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo busca realçar a importância da escritora brasileira Júlia Lopes de Almeida a partir do contexto social do século XX até os dias atuais, especialmente no que diz respeito ao alcance de sua literatura em âmbito internacional. Para além dos folhetins, Júlia Lopes foi um marco importante na consolidação de uma escrita voltada, especificamente, para o público feminino, uma vez que trazia à tona questões que envolviam, essencialmente, os novos modos de inserção da mulher na vida política e social, conciliada com o exercício das funções domésticas.

**Palavras-chave:** Júlia Lopes de Almeida. Intercâmbio. Educação. Mulheres.

**ABSTRACT:** This text seeks to highlight the importance of the Brazilian writer Júlia Lopes de Almeida, from the social context of the twentieth century to the present days, especially as regards the scope of its literature internationally. Furthermore, Júlia Lopes was an important trace in the consolidation of a directed written specifically for women, as it brought up issues involving essentially the new women entering modes in political and social life, reconciled with the performance of domestic duties.

**Keywords:** Júlia Lopes de Almeida. Interchange. Education. Women.

*A mulher brasileira conhece que pode querer mais, do que até aqui tem querido; que pode fazer mais, do que até aqui tem feito. Precisamos compreender antes de tudo e afirmar aos outros, atados por preconceitos e que julgam toda a liberdade de ação prejudicial à mulher na família, principalmente dela, que necessitamos de desenvolvimento intelectual e do apoio seguro de uma educação bem feita. (Júlia Lopes de Almeida, em A viúva Simões, 1ª ed., 1897, p. 3).*

Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida – nascida e falecida no Rio de Janeiro (1862-1934) – é autora de vários romances, contos e peças teatrais, além de ter se destacado na imprensa, especialmente em função de sua intensa dedicação à atividade jornalística nos periódicos da época. Imagem de mulher

---

<sup>1</sup> Professora Adjunto da Universidade Federal de Viçosa, Campus Florestal, Minas Gerais. Doutora pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC MINAS (2011). Membro do Grupo de Pesquisa Mulheres em Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

intelectual, suas ações compunham grande parte do contexto de sua produção literária. No contexto de sua produção literária, nas primeiras décadas do século XX, a escritora era conhecida e respeitada como uma das romancistas mais populares, que representava, de forma sutil e perspicaz, a condição social em que estavam inseridas as mulheres de sua época, procedendo, pois, como porta-voz das questões femininas. A forma equilibrada com que se valia de sutileza e perspicácia na constituição de seus textos se lhe constituíram como formas menos agressivas de apontar e discutir temas polêmicos, especialmente no âmbito da dominação masculina sobre os direitos femininos. Essa habilidade peculiar do “saber dizer” talvez lhe tivesse conferido uma posição de destaque frente os círculos oficialmente literários da época, obviamente monopolizados pelo sexo masculino.

Escritora brasileira de extensa expressividade em seu país – ainda que tenha tido o reconhecimento de seus textos preteridos pela crítica – alcançou sucesso tanto no Brasil como no exterior, tendo sido homenageada em vários países de língua estrangeira, como Portugal, França, Argentina e Uruguai.

Dona de vasta e extensa obra, caracterizada pela mestria de sua escrita refletida em diferentes gêneros – contos, ensaios, poemas, dramas, romances – seus textos transcenderam o espaço do ficcional e ampliaram-se para o universo das palavras, proferidas em palestras e conferências para as quais era constantemente convidada, tanto em âmbito nacional quanto internacional.

Júlia Lopes teve, portanto, papel de destacada relevância na defesa de questões ligadas às oportunidades educacionais e profissionais da mulher fora do circuito doméstico, quer em seus romances, quer em seus artigos jornalísticos ou em suas conferências.

Outra questão relevante a ser considerada na obra de Júlia Lopes é o fato de ela ter sido considerada a “primeira escritora do país”, nas palavras da literata portuguesa Guiomar Torresão, em artigo publicado na revista *A Mensageira*, de 1899. Se considerarmos que naquele momento ainda eram raras as escritoras que se assumiam como tal, e que o máximo da expectativa da educação feminina era a de formar leitoras, o fato de ter sido reconhecida como importante

escritora de seu país representou prestígio para Júlia Lopes, o que a tornou uma figura pública, cuja pena era disputada pelos principais jornais do Rio de Janeiro.

Assim como o fazia em seus livros e textos publicados na imprensa, Júlia Lopes discorria, em suas conferências, sobre assuntos relevantes de seu tempo, como a emancipação da mulher, a importância da mulher em seus diversos papéis sociais, subdivididos entre as tarefas do lar – mãe e esposa – e entre a postura de cidadã brasileira, dona de ideias e ideais políticos, portanto nacionalistas.

Um dos exemplos de sua expressividade, especialmente em nível de ter sido considerada uma das escritoras de maior prestígio no meio cultural de sua época, em todo o país, foi o convite para proferir o discurso de abertura do Congresso Internacional Feminista, em julho de 1931, promovido pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em que as mulheres se organizavam para obter direito ao voto. Vale lembrar que, antes disso, em 1922, Júlia Lopes já havia participado da Comissão de Relações Internacionais e Paz do I Congresso Internacional Feminista, também promovida pela Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

Embora seja bastante conhecido o elogio que, ainda em vida, lhe fez o crítico José Veríssimo (apud MIGUEL-PEREIRA, 1973), em que o autor diz preferir seus romances aos de Coelho Neto, foi somente a partir da obra de Lúcia Miguel-Pereira que o nome de Júlia Lopes de Almeida foi retirado do anonimato em que há muito estava submerso. No capítulo intitulado *Sorriso da Sociedade*, a crítica reúne escritores que, não tendo se congregando em torno de uma escola, não chegaram, por outro lado, a formar um grupo. Inteligentes e sensíveis, a literatura foi-lhes um complemento prazeroso, desprovido dos tormentos e angústias advindos da criação, enfim, o próprio “sorriso da sociedade”, como nos traduz a feliz expressão ressaltada por Afrânio Peixoto e da qual se apropriou Lúcia Miguel-Pereira, ao intitular o capítulo de sua obra:

Formados antes da guerra de 1914, numa época de paz, eles próprios em regra contentes da sua sorte, pertencentes à classe dominante, escreveram para distrair-se, e distrair os leitores. Uma palavra os explica: diletantismo. Mesmo os que, como Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Artur Azevedo,

Afrânio Peixoto, Xavier Marques e João do Rio foram sobretudo escritores, possuíram a mentalidade do dileitante, de quem não se deixa empolgar nem possuir pelas idéias e prefere brincar com elas, borboletear entre todas, não se fixando em nenhuma. (MIGUEL-PEREIRA, 1973, p. 256).

Ao referir-se, especificamente, à Júlia Lopes de Almeida, Lúcia Miguel Pereira acentua seus inegáveis dotes literários, enaltecendo-lhe a simplicidade como qualidade *pre-dominante*. Embora tivesse destacado os romances *A família Medeiros* e *A falência* como aqueles em que houve maior apuro na organização de ambientes e personagens, Lúcia Miguel-Pereira (1973, p. 271) aponta o volume de contos *Ânsia eterna* como a melhor obra da autora: “aquela em que, sem nada perder da sua singeleza, ela aproveitou com mais arte os seus recursos de escritora e deixou mais patente a sua sensibilidade”.

Nessa trajetória, Júlia Lopes se apossou do ideal da mulher inteligente e de sucesso do século XX, e, como outras de sua geração, e soube responder criativamente à resistência que encontrava, por parte de alguns colegas, no exercício do jornalismo, escrevendo textos que privilegiavam assuntos voltados para o público feminino, mas que não deixavam de tratar, também, temas polêmicos, como a abolição da escravatura, o acesso das mulheres à educação, e o exercício simultâneo dos papéis de escritora, intelectual, mãe e esposa, transpondo, de forma lúcida, a necessidade de uma atitude essencialmente feminina, tanto na esfera familiar como na esfera político-social, no que diz respeito à transformação do “papel” da mulher frente a essas instâncias:

Nos tempos antigos, a mulher era calma, submissa, pacífica e retraída; mas seria tudo isso por ter mais bom senso, mais felicidade e menos ambição? Não me parece. O motivo devia ser outro; o motivo devia de estar na atmosfera que a envolvia e em que não existia nenhum elemento agitador. Não somos nós que mudamos os dias, são os dias que nos mudam a nós. Tudo se transforma, tudo acaba, tudo recomeça, criado pelo mesmo princípio, destinado para o mesmo fim. Nascemos, morremos e no intervalo de uma outra ação, vivemos a vida que nosso tempo nos impõe. O que ele impõe hodiernamente à mulher é o despreendimento dos preconceitos, a luta, sempre dolorosa, pela existência, o assalto às culminâncias em que os homens dominam e de onde a repelem. Mas, seja qual for a guerra que lhe façam, o

feminismo vencerá, por que não nasceu da vaidade, mas da necessidade que obriga a triunfar. (ALMEIDA, 1906, p. 72-73)

O sucesso da obra de Júlia Lopes de Almeida teve o efeito de minimizar as tensões vivenciadas por ela, como mulher e como escritora, numa sociedade que ainda via com desconfiança a ousadia das que ultrapassavam os limites da esfera doméstica e privada.

Para ela, a educação adequada às mulheres estaria ligada ao bem estar social da família, e, por extensão, à bem sucedida consolidação dos ideais republicanos. A desarmonia do lar era vista como resultado das várias restrições impostas pela sociedade às mulheres que, por sua vez, eram expostas somente ao seu limitado mundo doméstico e barradas no mercado de trabalho. Por essa razão, Júlia acreditava que uma educação feminina adequada resultaria em lares harmoniosos e em práticas maternas mais saudáveis. Percebia, assim, que a emancipação da mulher fortaleceria não só a família, mas salvaguardaria as futuras leis do Código Civil.

Júlia descrevia a instrução que era promovida para as meninas de forma crítica, uma vez que julgava essa instrução como ineficaz na capacitação das mulheres em executar suas funções educadoras – fato que nos leva a pensar na inexistência de uma dissociação de atividades intelectuais femininas do âmbito familiar:

Sem consultar vocações nem vontades, exige-se, em geral, que todas as moças toquem piano, cantem, saibam fazer sala e fallar francez (...) Não nos passa pela idea que uma senhora se possa dedicar a um estudo serio e ponderoso, no doce recolhimento do seu gabinete, com o mero intuito de transmittir um dia aos filhos as suas observações e os seus trabalhos, dando-lhes uma educação desprerenciosa e sólida (ALMEIDA, 1926, p 202).

Analisando especialmente sob essa ótica, podemos concluir que a obra de Júlia Lopes de Almeida se instaurou como um marco na história da Literatura Brasileira de autoria feminina, pois além de trazer à tona discussões sobre a necessidade de mudança e de inserção da mulher na sociedade, ousou transgredir

e discutir as limitações dos marginalizados e suas representações no imaginário social da última metade do século XIX e início do século XX.

A leitura das múltiplas vozes femininas de sua obra nos permite ter acesso a uma reflexão atenta sobre o papel da mulher enquanto sujeito de seu próprio percurso, e ao que tem sido historicamente denominado como o 'feminino'. Realça-se, aqui, a inteligência de Júlia em investir seu discurso sobre a necessidade de valorização da mulher em função de dar aos filhos uma melhor educação, uma vez que defendia profissões exercidas por mulheres, não para que a pudessem satisfazer a um anseio pessoal de ter uma profissão, mas, especialmente, em casos de necessidade, como, por exemplo, na perda do cônjuge. Sua preocupação com a situação de dependência financeira da mulher pode ser percebida em inúmeros de seus discursos, que fomentavam a possibilidade de mudanças de atitudes em relação à educação das meninas, que deveriam ser preparadas, também e principalmente, para as adversidades da vida:

Convenci-me hoje de que todas as mulheres devem ter uma profissão. Conheço duas senhoras desgraçadas. Uma ficou orphan e outra viúva, e nenhuma está habilitada a bem ganhar a vida. Lembrei-lhes o commercio. Não sabem contabilidade. Lembrei-lhes a typographia, a telegraphia, a gravura, a pharmacia, mas de que expedientes se hão de valer para sustentar a família enquanto estudem? Este exemplo fez-me tremer. Se eu tiver filhas... por Deus! Que hei de prepará-las para poderem vencer estas dificuldades! (ALMEIDA, 1926, p. 128).

Além de todas as faces com que se dedicava a discutir as temáticas "femininas" de seu tempo, Júlia Lopes também investia em defender o valor intelectual da mulher na sociedade e na família. Cito aqui o trabalho de Eliane T. A. Campello, que em pesquisa realizada no periódico riograndino *Corimbo1* (lá pelos idos dos anos 2000), depara-se com a edição de 31 de julho de 1918, que noticia a presença de Júlia Lopes na cidade de Bagé, no estado do Rio Grande do Sul, ocorrida em 13 e 14 de julho do mesmo ano. Segundo a pesquisadora, essa notícia constitui-se, na primeira fonte da existência de uma palestra intitulada "A mulher e a arte", conforme se lê em:

[...] Domingo, 14, a beletrista patricia, depois de visitar as igrejas, etc, etc, fez à tarde a sua esplêndida conferência *A Mulher e a Arte*, tendo uma vultuosa assistência, e sendo aplaudida com vivo calor (p. 3, 1ª. col.).

Através do projeto desenvolvido por Rosane Salomoni, intitulado "Para a implementação do cânone literário brasileiro: inventário e resgate da produção romanesca da escritora carioca Júlia Lopes de Almeida", a pesquisadora teve acesso ao arquivo "Lopes de Almeida", e lá descobriu as 16 páginas de papel ofício, datilografadas e corrigidas, aqui e ali, pela pena da autora, com o título de "A Mulher e a Arte", não tendo, porém, qualquer indicação de data, lugar de publicação ou de apresentação. Entretanto, por indícios que o próprio texto fornece, pode-se verificar que em sua conferência, proferida em 1918, o texto foi atualizado por Júlia Lopes, para ser apresentado em outra ocasião. Contudo, ao que parece, esta é a única cópia existente de um texto intitulado "A Mulher e a Arte". Além disso, as demais referências ao mesmo, avançam muito pouco além do título, como é o caso do ensaio de Cátia Toledo Mendonça (2003, p. 280), que indica a data de 1910 e da "Resenha da pesquisa realizada no acervo da romancista no Rio de Janeiro", por Rosane Salomoni (2007, p. 33), que informa ter sido a palestra "lida no Instituto de Música". Apesar disso, ambas as publicações não apresentam fontes, nem incluem detalhes. Nem mesmo em seu livro, *Jornadas no meu país*, em que a autora dedica o capítulo XXXV (1920, p. 231-242) à narrativa de sua passagem por Bagé, faz menção à conferência, embora por outras indicações do texto, é possível afirmar que a notícia do periódico e a descrição do livro tratam do mesmo fato.

Nesse artigo, especialmente, Júlia apresenta suas ideias acerca da mulher-artista, entremeada de exemplos ao evocar nomes, especialmente do século XIX e anteriores, períodos da história marcados por enormes dificuldades para a mulher que pretendia realizar-se no âmbito da arte. A afirmativa que a autora elege para a abertura da conferência – "Por mais imperiosa que seja a vocação das mulheres na arte, quando a professam ficam quase sempre em meio do caminho" (p. 1) –, indica o tom da conferência e lança os meandros do raciocínio que a autora pretende perseguir. Entre as temáticas apresentadas, Júlia

se pronuncia sobre “a emotividade da mulher”, “as contingências físicas do seu organismo”, o sentimento perturbador da maternidade, cujos instintos se anunciam nela desde criança, e, mais do que tudo, a sua falta de instrução e de liberdade”. Escritora e educadora perspicaz, ela não deixa de sublinhar a relevância da educação para a mulher de seu tempo como o meio mais curto para que, livre das imposições sociais, a mulher viesse a realizar-se no espaço público. Em razão de o acesso à educação ter sido negado às mulheres por muitos séculos, a autora argumenta e defende que “Para uma mulher conseguir em arte metade do que consegue um homem, de igual talento e de igual vontade, tem que despende o décuplo do esforço...” (p. 1) – ideia que, coincidentemente, se aproxima da proposta publicada pela escritora inglesa Virginia Woolf, em seu livro intitulado *Um teto para todos*, baseado em palestras proferidas por ela nas faculdades de Newham e Girton em 1928. Em outras palavras, (e nas mesmas palavras de Júlia Lopes? – Júlia nasceu em 1862 e Virginia em 1882 – com vinte anos a menos, Júlia já se pronunciava sobre o que a autora inglesa constataria anos depois ) o ensaio *Um teto para todos* apresenta uma reflexão acerca das condições sociais da mulher e a sua influência na produção literária feminina. A escritora pontua em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento, para que essa expressão seja transformada em uma escrita sem sujeição e, finalmente, para que essa escrita seja recebida com consideração, em vez da indiferença comumente reservada à escrita feminina na época:

Por que não o hei de enganar do mesmo modo? Em consciência, não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades... Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós. (ALMEIDA, 1922, p.137)

Embora os textos de Júlia Lopes de Almeida não tenham sido tão frequentes nos Almanques, assim como o foram os de tantas outras importantes escritoras brasileiras, a autora iniciou seu trabalho na imprensa aos 19 anos, no

jornal *A Gazeta de Campinas*, numa época em que a participação da mulher na vida intelectual é rara e incomum. Três anos depois, em 1884, começou a escrever também para o jornal carioca *O País*, numa colaboração que dura mais de três décadas. Embora seus textos tenham sido publicados em jornais brasileiros, é em Lisboa, para onde se muda em 1886, que Júlia Lopes se lança como escritora. Com sua irmã Adelina, publica *Contos Infantis*, em 1887, e, no ano seguinte, casa-se com o poeta e jornalista português Filinto de Almeida (1857 - 1945) e publica os contos de *Traços e Iluminuras*. Somente de volta ao Brasil, em 1888, publica seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, que sai em folhetins em *O País*. Sua atividade em jornais e revistas - *Jornal do Commercio*, *A Semana*, *Ilustração Brasileira*, *Tribuna Liberal* - é incessante, escrevendo sobre temas candentes, apoiando a abolição e a república. Como já se disse, uma das primeiras romancistas brasileiras, cuja produção literária é prolífica e abrange vários gêneros: conto, peça teatral, crônica e literatura infanto-juvenil. Sua experiência internacional contribui para a constituição de um estilo de escrita marcado pela influência do realismo e do naturalismo francês, especialmente pelos contos de Guy de Maupassant (1850 - 1893) e romances de Émile Zola (1840 - 1902). A cidade do Rio de Janeiro, capital federal, embora em constante período de turbulência política e econômica, é o cenário mais amplo de suas ficções, assim como o ambiente privado das famílias burguesas serve às tramas e à construção de seus personagens, como é o caso do romance *A Falência*, lançado em 1901 - para muitos a sua obra mais importante. Conforme mencionado anteriormente, Júlia obtém grande destaque no Brasil e no exterior, em conferências e palestras que trazem reflexões sobre temas nacionais e sobre a mulher brasileira, o que demonstra sua ativa e efetiva participação de / e nas sociedades femininas no Rio de Janeiro. Reconhecida em sua atividade literária por seus pares contemporâneos, escreve também obras mais esperadas por uma mulher de sua época, como *O Livro das Noivas* e *Maternidade*, que alcançam grande sucesso de público, tanto quanto seus romances. Para Júlia Lopes, os livros eram artefatos fundamentais para que a mulher se conscientizasse da importância do papel que ela tinha que exercer na sociedade, e, somente através deles, chegar-

se-ia à uma *educação feminina*, capaz de provocar essas transformações em seus “papéis sociais”. Assim, descrevia:

A estante de uma mulher de espírito e de coração, isto é, de uma mulher habilitada a aprender e conservar o que ler; que souber que isso a instrui, a forma apta para dirigir a educação dos filhos, dando-lhe superioridade e largueza de vistas; a estante de uma mulher inteligente e cuidadosa, que ama seus livros, não são como um mero adorno de gabinete, mas como a uns mestres sempre consoladores e sempre justos, essa estante é um altar onde o seu pensamento vai, cheio de fé, pedir amparo numa hora de desalento, e conselho num momento de dúvida. [...] Aprender para ensinar! Eis a missão sagrada da mulher. É preciso para isso que a leitura seja sã, bem feita. O gosto bem educado transmitir-se-á sem mácula e sem esforço aos filhos. Convençamo-nos de que de que o espírito, para dominar, deve ter sido dominado pela força suprema e bendita dos que são mais fortes ou trabalham mais. (ALMEIDA, 1914, p. 37-39)

Há, ainda, um outro viés na literatura de Júlia Lopes de Almeida, que aqui também merece destaque: sua trajetória pela literatura infanto-juvenil, em que destaco, nesse aspecto, a possibilidade de inseri-la como representante de seu contexto de época. Nos últimos anos do século XIX, a literatura brasileira conviveu com uma diversidade de tons. É sabido pelos estudiosos de literatura brasileira que a prosa e as narrativas ora percorreram o submundo das moradias coletivas (*O cortiço*, de Aluísio Azevedo); ora trouxeram à luz a imagem dessacralizada das instituições sociais (*O Ateneu*, de Raul Pompéia); ora enveredaram-se pela vida suburbana, analisando problemas vitais da sociedade brasileira pós-escravista (as obras de Lima Barreto); ora – entre a literatura e a sociologia – denunciaram as contradições da cultura brasileira (*Os sertões*, de Euclides da Cunha); ora registraram diversos *brasis* no regionalismo de Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto ou Afonso Arinos. Apesar da diferença, em termos literários, entre os vários autores desse período, os anos que vão de 1890 a 1920 assinalam um projeto de engajamento cultural especialmente por parte dos escritores, naquele momento inteiramente comprometidos com a tarefa missionária de nacionalização da literatura infantil. É preciso lembrar a grande importância do saber para a literatura infantil, uma vez que o saber passa a deter nos novos modelos sociais que

começam a se impor na constituição de novos valores para a sociedade, já que fica patente a concepção, bastante comum na época, da importância do hábito de ler para a formação do cidadão:

Intelectuais, jornalistas e professores arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra; começaram a produzir livros infantis que tinham um endereço certo: o corpo discente das escolas igualmente reivindicadas como necessárias à consolidação do projeto de um Brasil moderno. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1984, p. 28).

É especialmente dentro desse contexto que se deve entender o trabalho e a produção literária de Júlia Lopes de Almeida destinados à infância. Os próprios títulos das obras, bem como os temas e conteúdos veiculados através delas, remetem ao comprometimento ideológico com a formação infantil e a pedagogia. Em 1886, juntamente com Adelina Lopes Vieira, a autora publica *Contos infantis*; em 1907, Júlia lança *Histórias da nossa terra* e, em 1917 *Era uma vez*. Novamente, em parceria com Adelina Lopes Vieira, publica *A árvore*, em 1916. Os livros destinados à infância, bem como os manuais de Língua Portuguesa de grande parte das escolas brasileiras (do começo do século XX até por volta de 1960) incluem textos de Júlia Lopes de Almeida.

As narrativas de que se ocupa a autora tematizam exortações moralistas e o comprometimento com valores como a caridade, a obediência, a honestidade, o patriotismo, a solidariedade e a abnegação.

Os romances e contos da autora são coerentes com sua atuação de escritora e jornalista na época. Constituem um exemplo de inserção da mulher e de seu tímido papel desbravador durante as últimas décadas do século XIX e começos do XX. Sob essa ótica, Norma Telles (1997, p. 436) afirma que a autora “discutiu com prefeitos e urbanistas, opinou sobre questões contemporâneas, tentou conciliar, na vida e na obra, o modelo da Nova Mulher: companheirismo e organização, rebeldia e luta, com o papel ‘sagrado’ de mãe e esposa. Ambiguidade e compromissos, avanços e acomodações transparecem em seus escritos”. Para Mariana Coelho (2002, p. 331), Júlia Lopes de Almeida é “a primeira escritora brasileira da atualidade (...) que desde muito nova se dedicou com reconhecido

talento às letras. (...) A sua reputação de fina intelectual tem ecoado fora do Brasil”.

O papel cultural de Júlia Lopes de Almeida merece investigação, tanto no campo político quanto literário, uma vez que a necessidade de se reavaliar os papéis desempenhados por mulheres escritoras carece de novos enfoques. Para Buarque de Holanda (1994), na passagem do séc. XIX para o XX, a literatura de autoria feminina é marcada por um sentimento de alienação e solidão, isto é, consequência de sua exclusão em relação ao projeto de construção da nacionalidade. Posição divergente, contudo, é levantada por Sylvia Paixão, quando diz:

No momento em que a mulher procura recuperar, no passado e na tradição, elementos necessários à construção de uma nação imaginada, ela está de certa forma rompendo com a idéia de que ser moderno significa ter os olhos e a atenção voltados apenas para o futuro: está construindo um espaço para si mesma como formadora de uma identidade nacional. (PAIXÃO, 1994, p. 431)

Considerando que Júlia Lopes de Almeida fez um trabalho público relevante, principalmente no que diz respeito à tomada de posições em detalhes relacionados à educação, ao trabalho remunerado, ou sufrágio editorial feminino, é mister verificar, como essa forma de agir e pensar fica evidenciada em grande parte de seus textos. Em instigante artigo a respeito, Peggy Sharpe (1998, p. 37) esclarece que, para a escritora, a “construção nacional se resumia no protético gesto de escrever”:

(...) a emancipação resultaria não do direito de votar, porém de maiores oportunidades educacionais e profissionais fora do lar. Para Lopes de Almeida, a verdadeira medida do processo de transformação social estava na capacitação feminina para contribuir por meio do trabalho remunerado tanto na esfera privada através do serviço doméstico como no mercado de trabalho mais amplo. (SHARPE, 1988, p. 43).

Destaca-se, dentre todos esses papéis sociais, políticos e culturais, que Júlia Lopes também esteve entre os intelectuais que participam do planejamento e da criação da Academia Brasileira de Letras - ABL, da qual seu marido é fundador e

ocupante da cadeira número 3 – embora tenha sido impedida de ingressar na instituição, por ser mulher. Entre 1913 e 1918, quando volta a viver em Portugal, publica suas primeiras peças teatrais e um livro infantil com seu filho Afonso Lopes de Almeida. Na década seguinte, a autora muda-se para Paris, onde alguns de seus textos são traduzidos e publicados.

Em documento de palestra depositado na Academia Brasileira de Letras, no acervo da escritora, declara:

Vão, felizmente, recuando os dias em que as mulheres consideravam as artes meras prendas de sala exercidas nas horas fugitivas da mocidade e abandonadas logo que os dias estáveis começavam a ser vividos. Desde que tivesse produzido o seu efeito, de conquista, a pobre arte era abandonada como um adorno desnecessário e de difícil conservação. Em geral, não se estudava pintura, música ou declamação, por amor à arte, mas por amor próprio, e a mulher dedicava por isso às coisas do momento uma atenção vaga e distraída. A educação feminina mudou de repente. E ela hoje encara o estudo com seriedade, chegou à compreensão de que arte não é aparato, não é brinquedo, não é luxo só para os momentos efêmeros da sociedade, mas outra coisa bem poderosa, bastante forte para encher uma existência inteira, consolá-la nos dias de amargura, fazê-la irradiar-nos de felicidade.

Como se pode ver, a obra de Júlia Lopes transcende a noção hermética do tempo, caracterizando-se como preciosa fonte de reflexão sobre os temas que perpassam a condição feminina até os dias de hoje. Notem-se os inúmeros trabalhos feitos sobre a autora até os dias atuais, assim como os estudos de toda a sua obra, que se mostram, a cada nova pesquisa, inesgotáveis. É impressionante a capacidade de Júlia Lopes em transcender experiências seculares e transpor sua rara maneira de entender o universo feminino para os dias atuais. Essa postura fortalece, com veemência, a ideia de que, de fato, o contemporâneo (...) não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode

responder.” (AGAMBEN, p.72). Por isso, e mais ainda em defesa da necessidade de uma constante reelaboração da postura *feminina*, é inegável que Júlia representa uma postura diversa dos padrões da época, o que imputa à sua conduta e obra uma “feição de modernidade” dada a persistência, em nossos dias, das mesmas questões preexistentes e por séculos discutidas no âmbito político, social e familiar.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das donas e donzelas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1906.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Eles e elas**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Livro das noivas**. 3ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

BUARQUE DE HOLANDA, Heloísa. A historiografia feminista: algumas questões de fundo. In: FUNCK, Suzana Bornéo (org.). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

COELHO, Mariana. **A evolução do feminismo: subsídios para a sua história**. 2.ed. Org. Zahidé L. Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. Território Plural: **a pesquisa em história da educação**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Ática, 1984.

LUCA, Leonora de. O “Feminismo Possível” de Júlia Lopes de Almeida. In: CORRÊA, Mariza (org.). **Cadernos Pagu: Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX**. Campinas, Unicamp (12), 1999.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: INL, 1973.

PAIXÃO, Sylvia P. Mulheres em revista: a participação feminina no projeto modernista do Rio de Janeiro dos anos 20. In: FUNCK, Suzana Bornéo (org.). **Trocando idéias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1994.

SALOMONI, Rosane Saint-Denis. A Escritora / Os Críticos / A Escrita: **O Lugar De Júlia Lopes de Almeida na Ficção Brasileira** [tese]. Porto Alegre. UFRGR. 2005.

SHARPE, Peggy. Construindo o Caminho da Nação Através da Obra de Júlia Lopes de Almeida e Adalzira Bittencourt. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v.33, n.3, p. 39-49, set. 1998.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

**Recebido: 30.04.15 | Aprovado: 28.06.15**

